

# Pressão dos Governadores foi decisiva

BRASÍLIA — À exceção dos Governadores do Rio, Moreira Franco, do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, da Bahia, Waldir Pires, e de Pernambuco, Miguel Arraes, os demais Governadores do PMDB formaram um bloco que, nas 24 horas que antecederam a votação de ontem, exerceu poderosa pressão junto às respectivas bancadas em favor do presidencialismo.

Eles receberam de setores do Governo a curiosa definição de "caçadores de milho" por terem, cada um, assegurado uma média de seis a sete votos dos Constituintes indecisos.

Entre os Governadores que mais atuaram ontem, na avaliação do Governo federal, estavam Orestes Quéricia, de São Paulo, Newton Cardoso, de Minas Gerais, Alvaro Dias, do Paraná, Henrique Santillo, de Goiás, e Tasso Jereissatti, do Ceará.

Quéricia cumpriu sua tarefa pelo telefone, mas o Secretário de Governo, Antônio Carlos Mesquita, circulou com muita desenvoltura no Congresso. Santillo, embora parlamentarista, aliou-se a Sarney na defesa do presidencialismo e junto com o Ministro da Agricultura, Iris Resende, era um dos mais elogiados no círculo político ligado ao Presidente.

Embora ameaçados pelos parlamentaristas de represálias na votação do sistema tributário, os Governadores cumpriram o prometido ao Presidente Sarney.

Exemplo disso foi Newton Cardoso, que se transformou no principal alvo das reclamações dos parlamentaristas, indignados com a pressão política sobre a bancada.

Newton, já de manhã, conseguiu reverter os votos dos Deputados José da Conceição, Leopoldo Bessoni e Roberto Vital. E ainda se empenhava em repetir o feito com Maurício Pádua, Aloísio Vasconcelos e Ronaldo Carvalho, que, entretanto, se mantiveram inflexíveis na tese parlamentarista.

O trabalho de Quéricia foi mais discreto: os próprios parlamentaristas consideraram seu procedimento "mais elegante" nas conversas que manteve com cada parlamentar da bancada paulista.

No placar do Governo, comandado pelo Deputado Milton Reis, até o início da votação, Quéricia havia conseguido os votos dos Deputados Samir Acha e Michel Tamer.

Já seu colega do Ceará, Tasso Jereissatti, tinha o trabalho junto à bancada

sintetizado numa frase de um Assessor de Sarney.

— Tasso seguiu a bancada em torno do presidencialismo.

O Governador do Paraná, Alvaro Dias, uniu descrição e insistência: na noite de segunda-feira, depois de reunir-se com o Presidente junto com outros Governadores, manteve vários contatos telefônicos com toda a bancada e deixou o trabalho de corpo-a-corpo para os Deputados Basílio Villani e Max Rosenmann.

Ontem de manhã, Dias voltou a telefonar para os mesmos parlamentares, convidando-os para um almoço na Churrascaria Porteira dos Pampas. Sua insistência chegou a irritar o Deputado Sérgio Spada, que confidenciou a colegas estar exausto com o assédio do Governador.

Já o Deputado Tadeu França não ofereceu muita resistência: irritado com o grupo ligado ao Senador José Richa (PR) e disposto a deixar o PMDB, abandonou a convicção parlamentarista.

Surpresa mesmo foi o anúncio, à última hora, da adesão do Senador Affonso Camargo ao presidencialismo, pois desde que deixou o Governo seu nome encabeçava as listas dos parlamentaristas.

Do Paraná, continuaram parlamentaristas os Deputados Hélio Dugue e Darci Deytos, que não cederam às pressões do Governador.

Foi na Região Norte, mais especificamente no Amazonas, que a caça aos votos registrou denúncia do mais puro fisiologismo. O Governador Amazonino Mendes teria acenado com empréstimos na Caixa Econômica a alguns Constituintes que considerava parlamentaristas sem muita convicção, como o Deputado José Dutra, o último a aderir ao presidencialismo.

A Deputada Miriam Portela, do PDS, revelou a alguns colegas ter sido pressionada pelo Governador do Piauí, Alberto Silva, que a ameaçava de perder cargos no Estado. O mesmo foi denunciado por membros da bancada do Acre, que, sem entrar em detalhes, disseram que as ameaças envolviam cargos.

O empenho do Governador de Mato Grosso do Sul, Marcelo Miranda, pelo presidencialismo foi tanto que ultrapassou o limite da fronteira de seu Estado: tentou convencer, sem sucesso, o irmão, Deputado Mauro Miranda, eleito por Goiás, que mostrou certa resistência, pois já tinha sido assediado pelo Governador Henrique Santillo.



Newton Cardoso, sorridente com os votos decisivos conquistados para o presidencialismo

## Quéricia vibra com o resultado

SÃO PAULO — "O Presidente José Sarney saiu fortalecido e ganhou o povo brasileiro que, em sua maioria, é favorável ao presidencialismo". Foi assim que reagiu ontem o Governador Orestes Quéricia ao ver pela televisão o resultado da votação do sistema de governo.

Quéricia parecia estar advinhando a vitória do Presidencialismo. Tanto que pouco antes da votação ele se dirigiu ao Comitê de Imprensa do Palácio dos Bandeirantes, onde explicou que não iria a Brasília, ao contrário de outros Governadores presidencialistas, por entender que poderia ajudar sem deixar São Paulo. Afinal, já conversara com os Deputados da bancada paulista, alimentando a certeza de que muitos votariam de acordo com o seu apelo a favor do presidencialismo.

Quéricia revelou ter conversado de manhã com o Presidente Sarney, quando voltou a falar nos riscos de agravamento da crise nacional se fosse adotado o Parlamentarismo. Depois, vibrou com o resultado, destacando a margem de diferença:

— Estou convencido de que foi o melhor para o Brasil.

Quéricia afirmou ter prevalecido o bom senso, "que afastou o Brasil de

uma aventura". Sobre a duração do mandato presidencial, disse que a Constituinte decidirá oportunamente:

— O que deve ser votado agora é o mandato dos Presidentes, um mandato geral. Deverá ser de cinco anos. A questão do mandato do Presidente Sarney será decidido depois.

O Governador voltou a criticar a discriminação imposta pelos Constituintes a São Paulo, com a redução do número acertado para a composição da bancada paulista.

Segundo Quéricia, ela deveria ser de, no mínimo, 120 Deputados. Mas passará de 60 para 70, quando o acordado fora 80. Esse fator e mais a certeza de que o parlamentarismo frustraria toda a população, que há mais de vinte anos espera votar para Presidente, foram apontados por Quéricia como outros motivos que o deixaram feliz com o resultado.

Quéricia rebateu as críticas de parlamentares sobre as pressões exercidas pelos Governadores e pelo próprio Palácio do Planalto em favor do presidencialismo.

Segundo ele, pressões são legítimas e não devem ser confundidas com coação, que acredita não ter ocorrido.

## Moreira fica surpreso com a diferença

O Governador Moreira Franco disse ontem que o resultado da votação do sistema de Governo o surpreendeu, principalmente pela diferença expressiva com que foi obtido. Moreira disse que o presidencialismo, a "vocalização natural do povo brasileiro", foi uma vitória de todos, "do Presidente Sarney, do Presidente Ulysses Guimarães e do povo brasileiro".

Moreira, que assistiu à votação pela televisão, acompanhado pelo Prefeito de Petrópolis, Paulo Rattes, e por seu Secretário particular, Rogério Monteiro, disse que a presença de todos os constituintes no plenário foi uma demonstração de vitalidade do voto e de legitimidade da Assembléia Nacional Constituinte.

O Governador, que temia um impasse na votação e o chamado "buraco negro", disse que os constituintes souberam escolher um sistema de Governo que reflete as aspirações do povo. Moreira Franco afirmou que o resultado de ontem não interferirá na escolha da du-



Moreira elogia decisão

ração do mandato presidencial:

— Creio que agora enfrentaremos outra batalha. O problema parlamentarismo-presidencialismo era uma questão doutrinária, não conjuntural. O resultado mostra isso. Quando comparamos o resultado da votação do mandato do atual Presidente, que é um problema conjuntural, veremos que os resultados serão distintos desse — disse o Governador.